



SERIEDADE NA PALAVRA

SUBSEDE SÃO VICENTE
Rua Frei Gaspar, 3331

CURSO PREPARATÓRIO DE OBREIROS
2016

O OBREIRO E A HERMENÊUTICA

Prof. Rodrigo Teixeira Tambelli

HERMENÊUTICA = Estudo das leis ou regras de interpretação da Bíblia.

Em nosso estudo das leis ou regras de interpretação da Bíblia, precisamos pressupor certas coisas:

- A Bíblia tem autoridade.
- A Bíblia contém as suas próprias leis de interpretação, que entendidas e aplicadas apropriadamente produzem o sentido correto de determinada passagem.
- O objetivo primário da interpretação é descobrir o sentido que a passagem tinha para o autor.
- A língua pode comunicar verdades espirituais.

Estudar, interpretar e poder aplicar a Bíblia corretamente são as metas de todos os cristãos conscienciosos. Existem quatro regras básicas para o estudo correto da Bíblia:

Observação - Responde à pergunta: "Que vejo?" Aqui o estudante da Bíblia aborda o texto como um detetive. Nenhum pormenor é sem importância, nenhuma pedra fica sem ser virada. Cada observação é cuidadosamente arrolada para consideração e comparações posteriores.

Interpretação - Responde à pergunta: "Que significa?" Aqui o intérprete bombardeia o texto com perguntas como: "Que significavam estes pormenores para as pessoas às quais foram dados?" e "Qual a principal ideia que ele está procurando comunicar?"

Correlação - Responde à pergunta: "Como isto se relaciona com o restante daquilo que a Bíblia diz?" O estudante da Bíblia deve fazer mais do que examinar somente passagens individuais. Deve coordenar o seu estudo com tudo mais que a Bíblia diz sobre o assunto. A precisa compreensão da Bíblia, sobre qualquer assunto, leva em conta tudo que a Bíblia diz sobre aquele assunto.

Aplicação - Responde à pergunta: "Que significa para mim?" Esta é a meta dos outros três passos. Um especialista nessa área disse sucintamente: "*Observação e interpretação sem aplicação é aborto*".

Estas quatro partes do estudo da Bíblia são guiadas pelas regras fundamentais de interpretação. Disse o salmista: "*De todo o coração te busquei; não me deixes fugir aos teus mandamentos. Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti*" (Sl. 119.10-11). Estas palavras ecoam o clamor do coração do cristão dedicado, cujo alvo é saturar-se tanto da Palavra de Deus, que comece a pensar e a reagir de modo semelhante a Deus. Para isso, o estudante da Bíblia tem que se familiarizar tanto com estas regras básicas, que elas se tornem parte integrante da sua investigação das Escrituras.

PRINCÍPIOS GERAIS DE INTERPRETAÇÃO

Regra Nº 1 – Trabalhe partindo do pressuposto que a Bíblia tem autoridade.

A questão da autoridade liga-se frequentemente à da inspiração das Escrituras. Uma pessoa não pode submeter-se à Bíblia, como autoridade sobre sua vida, se não considerar que ela é a Palavra de Deus inspirada. O mesmo ponto surgiu durante o ministério terreno de Jesus: "*Ele ensinava como quem tem autoridade*" (Mt. 7.29).

Ao procurar submeter-se ao que dizem as Escrituras, é importante entender que na Bíblia a autoridade está expressa de várias maneiras:

1. Uma pessoa age como quem tem autoridade, e a passagem explica se o ato é aprovado ou reprovado. Por exemplo:

- No Jardim do Éden *"a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis"* (Gn. 3.4). Você sabe que isso está errado, porque Adão e Eva de fato morreram.

- O rei Davi queria construir um templo para Deus. Assim, Natã lhe disse: *"Vai, fazes tudo quanto está no teu coração; porque o Senhor é contigo"* (2Sm.7.3). Natã falou em tom de autoridade a Davi o que este devia fazer, mas lemos que esse conselho foi errado e que Deus não queria que Davi edificasse o templo (versículos 4 a 17).

2. Uma pessoa age com atitude de autoridade e a passagem não mostra aprovação nem reprovação. Neste caso, a ação precisa ser julgada com base naquilo que o restante da Bíblia ensina sobre o assunto. Por exemplo, Abraão e Sara vão para o Egito por causa da fome em Canaã (Gn. 12.10-12). Temeroso de que Faraó pudesse matá-lo, para apossar-se da bela Sara, Abraão disse à sua esposa: *"Dize, pois, que és minha irmã, para que me considerem por amor a ti e, por tua causa, me conservem a vida"*. Foi uma atitude covarde de Abraão? A passagem não o diz. Você fica entregue à sua própria conclusão, à sua compreensão daquilo que o restante da Escritura diz sobre o assunto.

3. Deus ou um dos Seus representantes declara a mente e a vontade de Deus. Muitas vezes isto vem na forma de mandamentos. Por exemplo, disse Jesus: *"Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros"* (Jo. 13.34-35).

O homem secular está se afastando cada vez mais dos absolutos bíblicos. Isto, por sua vez, exerce pressão sobre a igreja, para que faça uma nova abordagem dos mandamentos bíblicos quanto a coisas como o divórcio e uma ampla variedade de questões morais. Em maior número de vezes, esta nova abordagem não é nada mais que a grosseira imoralidade que causou a queda de Sodoma e Gomorra. Essas tendências originam-se na má vontade quanto a submeter-se à autoridade da Bíblia. Para o cristão, a Bíblia tem e sempre terá autoridade.

Regra Nº 2 – A Bíblia é seu intérprete: a Escritura explica melhor a Escritura.

Diz-nos a Bíblia que um dos primeiros intérpretes da Palavra de Deus foi o diabo. (Gn. 3.1-5; Gn.2.16-17). Satanás não negou que Deus dissera aquelas palavras. Em vez disso torceu-as, dando-lhes um sentido que não tinham. Esse tipo de erro dá-se por omissão e por acréscimo.

Quando você estudar a Bíblia, deixe-a falar por si mesma. Não lhe acrescente nem lhe subtraia nada. Deixe que a Bíblia seja o seu próprio comentário. Compare Escritura com Escritura.

Regra Nº 3 – A fé salvadora e o Espírito Santo são-nos necessários para compreendermos e interpretarmos bem as Escrituras.

Temos que estudar a Bíblia com profundo senso de dependência do Espírito Santo, cientes de que Ele é Aquele que *"vos guiará a toda a verdade"* (Jo.16.13).

É possível proclamar a Bíblia como a sua autoridade e ainda estar espiritualmente cego. Talvez você tenha tido a experiência de ser abordado por alguém pertencente às Testemunhas de Jeová, ou aos Mórmons, ou a alguma outra seita. Essas pessoas se apressam a dizer que a sua fé se baseia na Bíblia, mas não é preciso prostrar-se com elas muito tempo para perceber que não interpretam a Bíblia apropriadamente. Antes, torcem o sentido da Escritura para consubstanciar as suas próprias posições.

Regra Nº 4 – Interprete a experiência pessoal à luz da Escritura, e não a Escritura à luz da experiência pessoal.

Ao ler o Novo Testamento você descobre que ele contém dois tipos de literatura narrativa e instrutiva ou didática. Partes da narrativa traçam a vida do Senhor Jesus nos quatro evangelhos, e a história da igreja primitiva no livro de Atos. As cartas ou epístolas, em grande parte, foram escritas para instruir os membros daquelas primeiras igrejas sobre como viver a vida cristã. A maior parte do Apocalipse, e certas porções dos evangelhos, podem ser classificados como palavras proféticas.

As suas experiências pessoais, sejam quais forem, devem ser conduzidas às Escrituras e interpretadas, nunca o caminho inverso. "Porque tive esta experiência, o que se segue tem de ser verdade" não é um procedimento sadio para a interpretação da Bíblia. Nada do que foi dito sugere que não há valor na experiência, muito ao contrário. A experiência atesta a validade da doutrina. Permita que a Palavra de Deus interprete e molde as suas experiências, em vez de você interpretar a Escritura a partir das suas experiências.

Regra Nº 5 – Os exemplos bíblicos só têm autoridade quando amparados por uma ordem.

Ao ler a Bíblia, fica evidente que você não deve seguir o exemplo de cada pessoa que encontra. Você não precisa seguir o exemplo de Moisés e confrontar os líderes do Egito. Você não deve seguir o exemplo do apóstolo Pedro negando a Cristo.

Regra Nº 6 – O propósito primário da Bíblia é mudar nossas vidas, não aumentar nosso conhecimento.

Quando o Espírito Santo superintendeu o registro da Escritura, Sua intenção foi que nós, que lemos as Escrituras, aprendamos e apliquemos o que elas nos ensinam. A própria Escritura afirma que esse é o propósito por ela visado.

Bíblia não nos foi dada para que pudéssemos ficar espertos como o diabo; foi-nos dada para que pudéssemos tornar-nos santos como Deus.

Todas as partes da Bíblia são aplicáveis a você, todavia, a interpretação correta é essencial antes de fazer aplicação. Falhar nisso pode levar a mal-entendido e desgosto desnecessários. Tenha o cuidado de interpretar corretamente a passagem; depois, devotadamente faça a aplicação.

Regra Nº 7 – Cada cristão tem o direito e a responsabilidade de investigar e interpretar pessoalmente a Palavra de Deus.

Este princípio foi um dos abrangentes fundamentos da Reforma Protestante do século dezesseis. Por centenas de anos o povo dependera de que a igreja fizesse o estudo

e a interpretação das Escrituras. Não havia traduções da Bíblia na língua do povo. Quando se faziam tentativas para produzir essas traduções, a igreja as suprimia à força.

Quando a sua interpretação particular o conduzir a uma conclusão diversa do significado histórico que os homens de Deus têm dado à passagem, deverá brilhar na sua mente a luz amarela da advertência. Qualquer conclusão a que você chegue, que seja diferente da posição evangélica histórica, deve ser considerada suspeita. Você deve manter equilíbrio entre ser ensinado por outros e alimentar-se a si próprio. Quanto mais apto você ficar para o estudo pessoal da Bíblia, mais se fiará no seu pastor como um meio de testar a maneira como você interpretou dada passagem, e não como a fonte primária da sua perspectiva escriturística. Exemplo: Atos 17.11.

Quando você aceita uma ideia simplesmente porque outra pessoa lhe afirma que é assim, você causa um curto-circuito no processo, ainda que o que lhe foi dito seja exato e merecedor de fé. Você creu na coisa certa pelo motivo errado. Não se tornou ainda uma convicção sua. Aí está porque tantos cristãos se tornam presas de grupos heréticos como as Testemunhas de Jeová e os Mórmons.

Regra Nº 8 – A História da Igreja é importante, mas não decisiva na interpretação da Escritura. A Igreja não determina o que a Bíblia ensina; a Bíblia determina o que a Igreja ensina.

As interpretações da igreja têm autoridade somente na medida em que estejam em harmonia com os ensinamentos da Bíblia como um todo. Não houve o propósito de que a história fosse decisiva na interpretação da Escritura, pois houve ocasiões em que a igreja não foi fiel à Palavra de Deus. Nos primórdios dos tempos medievais, ela ensinou o celibato clerical, que os sacerdotes não poderiam se casar nunca. Mais tarde, no mesmo período medieval, exaltou Maria à posição de igualdade com Deus. Estas determinações foram da igreja, não da Bíblia.

Consta que Charles H. Spurgeon, o famoso pregador inglês, disse: "*Parece estranho que certos homens que falam muito do que o Espírito Santo lhes revela pensem tão pouco do que Ele revelou a outros*". Há um importante lugar para os comentários e os credos na formulação da doutrina. Os santos de Deus do passado têm muito que nos dizer hoje, se tão somente lhes dermos ouvidos. Aprenda da História e reconheça a sua importante contribuição, lembrando-se no entanto de que a Bíblia é o árbitro final em todas as questões pertinentes à fé e à prática.

Regra Nº 9 – As promessas de Deus na Bíblia toda estão disponíveis ao Espírito Santo a favor dos crentes de todas as gerações.

As promessas de Deus, que se acham na Bíblia, são um meio pelo qual Deus revela Sua vontade aos homens. Muita gente fica inquieta, quando se usam as promessas bíblicas, em parte porque muitas vezes elas são mal utilizadas. Uma caricatura nada engraçada, de uma pessoa em busca de uma promessa bíblica, mostra-a abrindo a Bíblia com os olhos fechados e pondo o dedo no meio da página. Onde o dedo marca, ali está a promessa de Deus para ela. O problema não é pretender uma promessa em si, mas descobrir qual é a vontade de Deus. Ao reclamar as promessas de Deus, tenha a mesma cautela que tem quando descobrir a vontade de Deus.

Existem dois tipos de promessas que se acham na Bíblia:

1. Promessas Gerais. São feitas pelo Espírito Santo a todos os crentes. Quando foram escritas pelo autor não visavam a nenhuma pessoa ou época em particular. Antes,

são gerais, isto é, destinadas a todas as pessoas, de todas as gerações. Exemplo: 1Jo. 1.9. Esta promessa era válida para as pessoas a quem João estava escrevendo, e é igualmente válida para você hoje. Há muitas promessas desse tipo na Bíblia toda.

2. Promessas Específicas. São feitas pelo Espírito Santo a indivíduos específicos em ocasiões específicas. Como as promessas gerais, as específicas são-lhe disponíveis, de acordo com a direção do Espírito Santo. A diferença é que as promessas específicas têm de ser feitas pelo Espírito Santo especificamente a você, como o foram aos beneficiários originais.

Bênção é outro modo pelo qual as promessas específicas podem ser utilizadas. Pode suceder que o Espírito Santo não esteja procurando guiá-lo, mas simplesmente revelar a bênção que planeja para a sua vida.

Visto que as promessas específicas são subjetivas, se faz pouco tempo que você é cristão, é melhor ficar com as promessas gerais que se acham no Novo Testamento durante o primeiro par de anos. Quando se julgar pronto para requerer promessas específicas, deverá seguir certas linhas de roteiro:

1. O Espírito Santo as faz aos cristãos, individualmente, em ocasiões particulares das suas vidas, conforme Lhe apraz.

2. Muitas vezes as promessas são condicionais, e a condição é obediência. Você pode captar a condição pela presença da pequena palavra "se" no versículo ou no contexto.

3. O Espírito Santo de Deus é soberano (Sl. 33.11). Ele pode falar partindo de qualquer passagem, a qualquer passagem, a qualquer pessoa, em qualquer ocasião.

4. Não prejudique o Senhor sobre quando e como a promessa se cumprirá em sua vida.

5. Deus faz Suas promessas para tornar você mais dependente dele, não independente. Busque-as com espírito de dependência e humildade.

6. O propósito de Deus é glorificar-se fazendo-lhe promessas. Nunca deixe de Lhe dar glória quando se cumprir a promessa.

Princípios Gramaticais de Interpretação - Os princípios gramaticais tratam das palavras do texto propriamente ditas. Como você deverá entender as palavras e frases das passagens em estudo? Que regras básicas devem ser lembradas no trato do texto? As próximas regras respondem a essas questões.

Regra N° 10 – A Escritura tem somente um sentido, e deve ser tomada literalmente.

Nos afazeres diários da vida, nenhuma pessoa séria, conscienciosa, pretende que o que diz ou escreve tenha diversidade de sentidos. Ao contrário, deseja que o sentido óbvio e verdadeiro seja compreendido por seus ouvintes ou leitores.

Para se comunicar, você precisa presumir: 1) que o verdadeiro propósito da palavra é transmitir pensamento, e 2) que a língua é um meio de comunicação digno de confiança.

A interpretação literal, no contexto, é a única interpretação verdadeira. Se você não tomar literalmente a passagem, todos os tipos de interpretação fantasiosa podem resultar disso.

Quando você encontrar uma passagem para a qual o contexto indica uma interpretação literal, e você preferir dar-lhe outra interpretação, não literal, avalie

cuidadosamente os seus motivos. Com toda a sinceridade que lhe for possível, responda as seguintes perguntas:

1. Estarei pondo em dúvida que esta passagem é literal porque não quero obedecer?
2. Estarei interpretando esta passagem figuradamente porque ela não se enquadra na minha tendência preconcebida?

Regra Nº 11 – Interprete as palavras no sentido que tinham no tempo do autor.

Nos dias finais do ministério de Jesus, Ele contou várias parábolas sobre o reino dos céus. Uma delas é a parábola das dez virgens (Mt. 25.1-13). Cinco eram sábias, porque tinham azeite suficiente para as suas lâmpadas; e cinco eram néscias, porque não tinham azeite. Por que se usavam lâmpadas nas antigas festas de casamento? Com que se assemelhavam? Estas são algumas perguntas que o estudante deve fazer quando estudar essa passagem. Aí está um exemplo da necessidade de entender o sentido e o uso da palavra na época em que foi escrita.

Quando você estudar uma palavra em particular, deverá determinar quatro coisas:

1. O uso que dela fez o escritor. Se a palavra é central para o pensamento do escritor no livro todo, poderá revelar-se da maior utilidade. A palavra 'pecado', por exemplo, é importante para o apóstolo João. Um estudo dessa palavra, na forma como é empregada por ele em sua primeira epístola, ajudá-lo-á a compreender a carta toda.

2. Sua relação com o seu contexto imediato. Quase sempre o contexto lhe dirá muita coisa sobre a palavra.

3. Seu uso corrente na época em que foi escrita.

4. Seu sentido etimológico. Este modo final de estudar o sentido de uma palavra, em geral é para o estudante da Bíblia mais avançado.

Ao interpretar uma palavra ou passagem, sua meta é determinar o sentido dela para o autor quando a escreveu. Esforce-se para libertar-se de todo e qualquer preconceito pessoal quando estudar uma passagem. O seu objetivo é compreender o pensamento do escritor, não o que você acha que ele devia ter dito.

Regra Nº 12 – Interprete a palavra em relação à sua sentença e ao seu contexto.

Já anotamos que é importante estudar uma palavra em relação a seu contexto imediato. Isso é tão básico e essencial na interpretação da Bíblia, que o arrolamos como uma regra à parte. O melhor modo de explicá-la é uma série de exemplos extraídos da Bíblia, quando necessário.

Estudemos a palavra "fé". É uma palavra importante na Bíblia, especialmente no Novo Testamento, encontrada em diferentes passagens. Em Gálatas 1.23, estudando o contexto, você vê que "fé" significa "a doutrina do Evangelho".

Escrevendo aos romanos, em 14.23 o contexto nos leva a concluir que "fé" significa "convicção de que é isto que Deus quer que você faça".

Regra Nº 13 – Interprete a passagem em harmonia com o seu contexto.

Cada escritor da Bíblia teve uma razão particular para escrever seu livro. No desenrolar do argumento do escritor, há uma conexão lógica entre uma seção e a seguinte. Você precisa encontrar o propósito global do livro, a fim de determinar o sentido das palavras e das passagens particulares do livro. Quatro perguntas o ajudarão:

1. Como a passagem se relaciona com o material circunvizinho?
2. Como se relaciona como restante do livro?
3. Como se relaciona com a Bíblia como um todo?
4. Como se relaciona com a cultura e com o quadro de fundo em que foi escrita?

Regra Nº 14 – Quando um objeto inanimado é usado para descrever um ser vivo, a proposição pode ser considerada figurada.

As grandes passagens "*Eu sou*" do Evangelho segundo João ilustram esta regra. Jesus não é "pão" nem "porta" no sentido literal (Jo. 6.35; 8.12; 10.7). Uma vez que um objeto inanimado como pão é usado para descrever o Salvador, você pode concluir que a palavra "pão" deve ser tomada figuradamente, e não literalmente.

Quando se atribuem vida e ação a objetos inanimados, a proposição pode ser considerada figurada. Visto que este é o mesmo princípio examinado de outra maneira, um exemplo o colocará em foco. Em Miquéias 6.2, quando o escritor sugere que os montes podem ouvir, isto se deve tomar figuradamente. O escritor não está insinuando que os montes ouvem e reagem como os seres humanos.

Regra Nº 15 – Quando uma expressão não caracteriza a coisa descrita, a proposição pode ser considerada figurada.

Um grupo de judeus foi atrás de Paulo através da Galácia, ensinando que os cristãos tinham de ser circuncidados para serem salvos. Foram objeto da ira de Paulo em Filipenses 3.2-3. Quando Paulo adverte seus leitores a terem cuidado com os cães, o contexto não autoriza a concluir que ele está falando daqueles bichos peludos de 4 patas usados como animais de estimação no mundo ocidental. Está se referindo àqueles que insistiam em impor aos cristãos gentílicos todas as ordenanças do Velho Testamento. Portanto, a palavra deve ser interpretada figuradamente.

Uma palavra não pode significar mais de uma coisa de cada vez, não pode ter sentido figurado e literal ao mesmo tempo. Quando se dá a uma palavra um sentido figurado, como no caso da ilustração usada para esta regra, cancela-se o sentido literal da palavra.

Sempre que possível, a passagem deve ser interpretada literalmente. Só se o sentido literal da palavra não se enquadrar é que ela deverá ser interpretada figuradamente. É sempre preferível o sentido literal da palavra, a menos que o contexto o impossibilite.

Regra Nº 16 – As principais partes e figuras de uma parábola representam certas realidades. Considere somente essas principais partes e figuras quando estiver tirando conclusões.

O ministério de nosso Senhor Jesus foi especialmente rico de parábolas. Ele as empregava para dar ênfase colorida e dinâmica às verdades espirituais. Esta regra lhe

recomenda que não ultrapasse os pretendidos limites da parábola; não queira fazê-la dizer mais do que foi destinada a dizer.

Quando você interpretar uma parábola, siga este processo:

1. Determine o propósito da parábola.
2. Certifique-se de que explica as diferentes partes em harmonia com o fim principal.
3. Use somente as principais partes da parábola ao explicar a lição.
4. Cada parábola tem um ponto principal de comparação. Procure relacionar esse ponto com que o orador estava ensinando.

Regra Nº 17 – Interprete as palavras dos profetas no seu sentido comum, literal e histórico, a não ser que o contexto ou a maneira como se cumpriram indiquem claramente que têm sentido simbólico. O cumprimento delas pode ser por etapas, daquilo que há de seguir-se. Em alguns aspectos a profecia é para o cristão o que a política é para o homem secular, fonte de muita controvérsia, acaloramento e emoção. Esta regra de interpretação não se destina a influir em suas convicções sobre profecia, mas simplesmente estabelecer um roteiro para a formação das suas convicções. Uma das regras já estudadas afirma que "*a Escritura tem somente um sentido, e deve ser tomada literalmente*" (Regal 10).

A profecia deve ser interpretada literalmente, a menos que o contexto ou alguma referência posterior na Escritura indique outra coisa. Um exemplo de um ponto na Escritura, em que uma referência posterior na Escritura indica que não pode ser tomada literalmente, é a profecia de Malaquias a respeito do precursor de Cristo (Ml. 4.5-6). Diz Malaquias que Deus enviará "o profeta Elias". Quando apareceu João Batista como o precursor de Jesus Cristo, gerou-se muita confusão, o que mostra que o povo daquele tempo esperava que a profecia iria cumprir-se literalmente. Contudo, Jesus disse que essa profecia deveria ter cumprimentofigurado, e não literal.

Princípios Históricos de Interpretação - Os princípios históricos tratam do cenário histórico do texto, fatores econômicos, políticos, sociais etc. Para quem e por quem foi escrito o livro? Por que foi escrito e que papel desempenhou o cenário histórico na formação da mensagem do livro? Quais os costumes e o ambiente do povo? São desse tipo as perguntas que você procura responder quando considera o aspecto histórico do seu estudo. Exemplo: o livro de Neemias teve grande importância na reconstrução física e espiritual de Israel.

Regra Nº 18 – Desde que a Escritura originou-se num contexto histórico, só pode ser compreendida à luz da história bíblica.

Seu objetivo é colocar-se no cenário do tempo em que o livro foi escrito e sentir-se como as pessoas envolvidas. Quais eram os interesses delas? Como via Deus a sua situação?

A igreja do N.T., quando Deus lhe deu nascimento, era judaica. O povo escolhido do V.T. era hebreu, e foi dentre os judeus que Jesus escolheu os Seus discípulos. Um breve repasse do livro de Gálatas pode ajudar a focalizar a importância desta regra.

Regra Nº 19 – Embora a revelação de Deus nas Escrituras seja progressiva, tanto o Velho como o Novo Testamento são partes essenciais desta revelação e formam uma unidade.

Não é incomum ouvir uma pessoa dizer: "O Deus do V.T. é diferente do Deus do N.T.. No V.T. Ele parece tão severo e condenatório, enquanto que no N.T. é mais amoroso e cheio de graça". Conquanto seja uma crença comumente sustentada, não se baseia nos fatos, e se for mantida, fará você desviar-se na interpretação da Bíblia. Exemplo: Jesus falou do inferno e do juízo de Deus mais que ninguém na Bíblia.

O P.T. monta o cenário para a correta interpretação do N.T. Você teria dificuldade em entender aquilo de que fala o N.T., se não conhecesse o relato veterotestamentário de acontecimentos como a criação e a queda do homem.

O N.T. é um comentário do V.T., de como Deus se revelou e de como o Seu plano é progressivo. Quanto mais você avança na leitura, mais você fica sabendo sobre Ele e sobre o que Ele planeja fazer. O N.T. explica o propósito de muita coisa que sucedeu no V.T.

Regra Nº 20 – Os fatos ou acontecimentos históricos se tornam símbolos de verdades espirituais, somente se as Escrituras assim os designarem.

Um *símbolo* é definido como "algo que representa ou lembra alguma outra coisa por relação, associação, convenção ou semelhança acidental; especialmente, um sinal visível de uma coisa invisível". Embora haja diferenças entre as palavras símbolo, tipo, alegoria, símile e metáfora, relacionam-se de modo suficientemente íntimo para que as combinemos aqui. Esta regra se aplica a todas elas, dado que muitas vezes são usadas para designar sinais visíveis de alguma coisa invisível.

Um exemplo do uso feito pela Bíblia de um acontecimento histórico como símbolo de uma verdade é a declaração de Paulo em 1Coríntios 10.1-4. A passagem dos israelitas pelo Mar Vermelho (Êxodo 14.22) simboliza o seu batismo. A pedra da qual Israel bebeu (Nm. 20.11) é um tipo de Cristo, Em bom número de lugares o escritor toma um acontecimento histórico para representar uma verdade espiritual.

Princípios Teológicos de Interpretação – Teologia é o estudo de Deus e de Sua relação com o mundo. O livro-fonte deste estudo é a Bíblia. A teologia procura tirar conclusões sobre vários tópicos, amplos e importantes, presentes na Bíblia. A que se assemelha Deus? Qual é a natureza do homem? Qual é a doutrina da salvação realmente válida? São estes os tipos de assuntos de que trata a teologia. Os princípios teológicos são aquelas amplas regras que tratam da formulação da doutrina. Por exemplo, como podemos dizer que uma doutrina é verdadeiramente bíblica? Um dos nossos princípios teológicos procurará responder a isto.

Regra Nº 21 - Você precisa compreender gramaticalmente a Bíblia, antes de compreendê-la teologicamente.

Outro modo de firmar esta regra é dizer: "Você precisa entender o que diz a passagem, antes de poder entender o que ela quer dizer". Podemos dar um exemplo em Romanos 5.15-21. Você precisa estudar cuidadosamente esta passagem para entender o que Paulo está dizendo. Ele está comparando Cristo com Adão. Assim como você é considerado injusto, devido ao pecado de Adão, assim é considerado justo devido ao que Jesus Cristo fez. Foi-lhe imputado o pecado de Adão, apesar de você não ter feito

nada para merecê-lo; assim também lhe foi imputada a justiça de Cristo, apesar de você não ter feito nada para anerecê-la. Em parte é isto que a passagem diz.

Disto podemos tirar algumas conclusões. Por exemplo, vemos que a imputação não afeta o seu caráter moral, mas sim a sua posição legal. Quando você foi considerado justo graças à obra de Cristo, o seu caráter moral não foi alterado; você não se tornou moralmente justo e perfeito, só legalmente justo e perfeito à vista de Deus.

Regra Nº 22 – Uma doutrina não pode ser considerada bíblica, a não ser que resuma e inclua tudo que a Escritura diz sobre ela.

Transparece de imediato que este é um procedimento importante no estudo da Bíblia, precisamente como é em tudo na vida (Pv.18.13). É estulto chegar a uma conclusão antes de ouvir todos os argumentos. Assim também, é um erro chegar a conclusões a respeito de determinada doutrina antes de estudar tudo que a Bíblia diz sobre o assunto.

Por exemplo, existem numerosas passagens no N.T. que dizem que você não está debaixo da lei (Rm. 3.28, Gl. 5.18). Ao ler tais declarações, pode você concluir que a graça de Deus o livra de qualquer obrigação de viver uma vida disciplinada, santa? De maneira nenhuma. Tal conclusão seria contestada por afirmações como as de Rm. 6.1-4.

É aqui onde um estudo tópico da Bíblia se mostra útil. Você toma um tema, idéia ou ensinamento e estuda todas as passagens sobre o assunto. Eis aqui três espécies de estudos paralelos:

Paralelos de Palavras. Você pode, por exemplo, resolver estudar a vida de Balaão. A principal passagem sobre ele acha-se em Nm. 22.24. Ele foi um profeta de Deus que se deixou seduzir por um dos reis de Moabe para amaldiçoar Israel. Que conclusões você pode deduzir da vida dele? Um estudo do que os escritores do N.T. dizem de Balaão o ajudará a avaliá-lo (**Jd. 11; 2Pe. 2.15 e Ap. 2.14**).

Paralelos de Ideias. O paralelo de ideias difere do de palavras, no qual você não pode recorrer às referências de uma palavra, como pode fazer no caso de Balaão. A ideia é mais abrangente do que qualquer palavra. Um exemplo poderia ser a questão da autoridade em sentido global. Os principais sacerdotes e os anciãos perguntaram a Jesus em Mateus 21.23. Você necessita estudar não somente esta passagem, mas muitas outras passagens das Escrituras que tratam do assunto (por ex. Gn. 3; Nm. 16).

Paralelos Doutrinários. Isto inclui estudos tópicos sobre as grandes doutrinas da Bíblia, tais como os atributos de Deus, a natureza do homem, a redenção, a justificação, e a santificação. Neste tipo de estudo você reúne todas as peças de informação e extrai uma conclusão. É bem parecido com a colocação das peças de um quebra-cabeças, reunindo-as. A isto se chama “raciocínio indutivo”, o processo de raciocinar das partes para o todo. Se, por exemplo, você estivesse estudando indutivamente a doutrina da igreja (Eclesiologia), trataria de achar todas as passagens sobre o assunto, estudaria cada uma, e então as juntaria para formular as suas conclusões.

O estudo indutivo da Bíblia é extremamente importante no desenvolvimento das suas convicções. Estudando as partes você pode captar um retrato cada vez mais claro do todo. Se você não está envolvido num estudo indutivo, deveria estar, pois se as suas convicções quanto às doutrinas da Bíblia se formaram pelo que outros lhe falaram, em vez de por sua investigação pessoal das Escrituras, resistirão nos tempos provação?

Regra Nº 23 – Quando parecer que duas doutrinas ensinadas na Bíblia são contraditórias, aceite ambas como escriturísticas, crendo confiantemente que elas se explicarão dentro de uma unidade mais elevada.

Existe nas Escrituras certo número de aparentes contradições ou paradoxos. "Aparentes", porque na realidade não o são. Parecem contraditórias porque a mente finita do homem não pode compreender a mente infinita de Deus. Eis alguns dos conhecidos paradoxos para a mente humana:

A Trindade. Não servimos a três deuses, mas sim a um só Deus; contudo, "cada" Pessoa da divindade é plena e completamente Deus, e não apenas um terço Deus. Em essência podemos concluir que um mais um mais são iguais a um. Nenhuma ilustração humana pode explicar adequadamente este mistério teológico. Está inteiramente além da nossa compreensão.

A Dual Natureza de Cristo. Jesus Cristo é Deus completo e homem completo. Não é meio Deus e meio homem; todavia, Ele não é duas pessoas, mas somente uma. Outra vez, um mais um igual a um.

A Origem e Existência do Mal. Em termos lógicos, a mente humana deduz que de duas coisas, uma deve ser verdadeira. Ou Deus criou o mal, ou este Lhe é coeterno. A Bíblia no induz a crer que nenhuma destas é verdadeira. É um mistério.

A Soberana Eleição de Deus e a Responsabilidade do Homem. Paulo afirma que Deus escolheu o crente em Seu soberano conselho antes da fundação do mundo (Ef. 1.4). Pedro, porém, diz em 2Pe. 3.9 que Deus espera que todos se arrependam e não se percam. Através de todas as Escrituras há um bem intencionado oferecimento do Evangelho a todos os homens. O homem é visto como agente moral responsável a quem Deus pede contas: "*e todo aquele que invocar o nome Senhor, será salvo*" (Rm.10.13). Não há maneira pela qual as nossas mentes possam conciliar estas duas verdades difíceis e aparentemente antagônicas.

Regra Nº 24 – Um ensinamento simplesmente implícito na Escritura pode ser considerado bíblico quando uma comparação com passagens correlatas o apóia.

A comunidade judaica do tempo de Jesus estava dividida em vários grupos: herodianos, essênios, zelotes, saduceus e fariseus. Estes dois últimos grupos divergiam sobre certos pontos doutrinários, notadamente a ressurreição dos mortos. Os fariseus criam nisso; os saduceus o negavam e Jesus se viu numa discussão com os saduceus sobre esta questão da vida além desta. Será que o V.T. a ensina de fato? Atente para a linha de raciocínio de Jesus (Mc. 12.26-27).

Diz o Senhor que a ressurreição pode ser provada com base no V.T. (Ex. 3.15), em que Deus se identificou como o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Uma vez que Deus é Deus de vivos, esses três homens têm de estar vivos ou ressurretos. Este raciocínio é dedutivo, e pode ser delineado da seguinte forma:

Primeira Premissa: Deus é Deus de vivos.

Segunda Premissa: Deus é o Deus de Abraão, Isaque e Jacó,

Conclusão: Abraão, Isaque e Jacó estão entre os que vivem.

A doutrina da ressurreição é implícita no V.T., arrazoou Cristo. O V.T. não afirma expressamente que há uma ressurreição dos mortos, mas quando você compara passagens correlatas sobre esse assunto, deduz que é verdade.